

As revistas *Sur*, *Contorno* e a nova geração intelectual argentina (1948-1956)

Paulo Renato da Silva¹

Resumo: Este artigo demonstra que foi a revista cultural *Sur* de Victoria Ocampo que difundiu o filósofo francês Jean-Paul Sartre na Argentina e sua defesa do engajamento político do intelectual, ainda que de modo crítico. A revista *Contorno* dos jovens de esquerda não é causa, mas consequência dessa difusão. O artigo enfatiza os pontos em comum entre as duas gerações intelectuais argentinas.

Palavras-chave: Argentina, peronismo, intelectual e política.

Abstract: This article shows that it was the Victoria Ocampo's cultural magazine *Sur* that diffused the French philosopher Jean-Paul Sartre in the Argentine and his defense of intellectual political engagement, although critically. The left youth magazine *Contorno* isn't cause, but consequence of this diffusion. The article emphasizes the similarities between the two Argentine intellectual generations.

Keywords: Argentine, peronism, intellectual and politics.

A relação entre as revistas culturais argentinas *Sur* (1931-1992)² de Victoria Ocampo (1890-1979) e *Contorno* (1953-1959)³ dos jovens intelectuais de esquerda é pautada por uma idéia de ruptura. Ao contrário da *Sur*, os colaboradores da *Contorno* se aproximam do nacionalismo – o que os levaria a revisar positivamente o peronismo depois da queda de Perón em 1955 – e, sob a influência de Sartre, defendem o envolvimento político do intelectual. Os colaboradores da *Contorno* reconhecem a importância dos

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: <pauloparesi@yahoo.com.br>. Este artigo é uma adaptação do último capítulo da dissertação “Victoria Ocampo e intelectuais de *Sur*: cultura e política na Argentina (1931-1955)”, defendida em 28 de outubro de 2004 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP.

² A *Sur* publicou números inéditos com periodicidade variada até a década de setenta, depois, somente coletâneas.

³ Também com periodicidade variada, a *Contorno* publicou dez números – os três últimos duplos – e dois cadernos especiais.

intelectuais da *Sur*, seu legado para a cultura argentina, tanto que ficam conhecidos como parricidas ao criticá-los. Apesar do reconhecimento, a idéia de ruptura persiste.

Este artigo pretende demonstrar que, em meados do século XX, o debate sobre cosmopolitismo, nacionalismo e uso político da Literatura e das artes em geral não é colocado pioneiramente pela *Contorno*, mas por Victoria Ocampo e seus colaboradores. Isso questiona as críticas segundo as quais Victoria Ocampo e a *Sur* não seriam abertas ao diálogo com outros grupos sociais, intelectuais e políticos. Falar em ruptura pode sugerir que as idéias defendidas pela *Contorno* nunca encontraram espaço na *Sur*. Como a maior parte da historiografia sobre a *Contorno*, Beatriz Sarlo coloca que há o parricídio, *pero también discusión de la herencia* (SARLO, p. 798). Sim, mas a perspectiva, aqui, é um pouco diferente: a discussão da herança começa antes, na revista de Victoria Ocampo. Além disso, a idéia de uma ruptura entre as publicações pode ser questionada pela permanência na *Contorno* de elementos criticados na *Sur*, como a valorização do estrangeiro e uma visão elitista sobre as massas. Autores como Oscar Terán (1993) e Juan José Sebreli (1999) destacam a difusão de Sartre pela *Sur* e os debates que a revista promoveu sobre as relações entre arte e política. Porém, Terán defende, assim mesmo, a idéia de ruptura entre as revistas e Sebreli destaca que, apesar das discussões, a *Sur* privilegiou a Literatura fantástica em detrimento do realismo ou, em outras palavras, preferiu o distanciamento ao engajamento político.

Victoria Ocampo e sua revista ficaram conhecidas pelo cosmopolitismo, ou seja, pela crença na universalidade da cultura, que estaria acima de fronteiras e contextos históricos. De um modo geral, o contrário do cosmopolitismo é o nacionalismo. Além disso, Victoria Ocampo e a *Sur* se colocavam como apolíticas, diziam que suas preocupações eram pura e exclusivamente culturais. Além da Literatura, a revista abria espaço para cinema, pintura, música, História e Filosofia, dentre outros assuntos. A organização interna mudou bastante, mas, de um modo geral, os números da *Sur* eram formados por artigos principais seguidos de seções especializadas como *Calendario*, *Debates sobre temas sociológicos*, *Documentos* e *Realidad Argentina*, marcadas pela discussão de temas contemporâneos.

Como contraponto ao discurso cosmopolita e apolítico da *Sur*, a *Contorno* foi lançada em 1953 em um ambiente literário até então dominado pela revista de Victoria

Ocampo. Assim como a *Sur*, cada número da *Contorno* apresentava alguns artigos principais e geralmente eram finalizados com resenhas.

A história da *Contorno* começa em três outras revistas. *Verbum*, publicação do Centro dos Estudantes da Faculdade de Filosofia e Letras (FFeL) da Universidade de Buenos Aires (UBA), deixa um grande espaço vazio ao ser publicada pela última vez em 1948, após noventa números. Além de estudantes, a *Verbum* contava com inúmeros professores renomados entre seus colaboradores. A partir de 1951, *Centro* ocupa parte desse espaço.

Em junho de 1953 é lançado o primeiro e único número de *Las Ciento y Una*, revista dirigida por Héctor A. Murena, que também configurava entre os colaboradores da *Sur*.⁴ A publicação apresenta um enfoque político e se propõe a analisar a realidade argentina e latino-americana.

Em termos gerais, a *Contorno* aparece em novembro de 1953 com uma proposta que procura conciliar a preocupação mais acadêmica e cultural de *Centro* com o enfoque político de *Las Ciento y Una*. *Las Ciento y Una* também influencia a diagramação da *Contorno*. No primeiro número da *Contorno*, Ismael Viñas é o diretor, tarefa que seria dividida posteriormente com o seu irmão David, Noé Jitrik, Adolfo Prieto, Leon Rozitchner, Ramón Alcade e Adelaida Gigli, esposa da David. Desde já, vale um comentário: as relações pessoais e familiares, então, não são uma exclusividade da *Sur*, como parece insinuar parte da crítica.

O rompimento da *Contorno* com Victoria Ocampo e a *Sur* é evidente desde o primeiro número, rompimento literário que não tardaria em se evidenciar no plano político. Diferentemente da proposta apolítica e cosmopolita de Victoria Ocampo e da *Sur*, a *Contorno* se preocupa em indagar o passado e a realidade da Argentina através da Literatura nacional. Dessa maneira, a *Contorno* desenvolve uma crítica literária que relaciona o texto com o contexto, a criação literária com as condições históricas que a envolvem. Daí teria vindo o nome da revista que, de acordo com David Viñas, teria sido

⁴ H. A. Murena (1923-1975) era o pseudônimo usado pelo escritor, ensaísta, poeta e dramaturgo argentino Héctor Alberto Álvarez. Formado em Letras, chegou a escrever para *Verbum* e também esteve entre os colaboradores do jornal liberal *La Nación*.

uma sugestão dele.⁵ *Quizás me lo tenga que atribuir, pero evidentemente lo que queríamos designar era lo que estaba alrededor* (VIÑAS, 1981, p. 11). Segundo Oscar L. Arias Gonzalez, *cuando hablan de un “contorno” piensan en la situación sartreana* (GONZALEZ, 2001, p. 23). A influência de Sartre sobre o grupo se dá especialmente por *O que é a Literatura?*, obra publicada em 1950. A propósito, Sartre aparece como o denominador comum entre os colaboradores da *Contorno*, acima das tendências internas.

A principal influência de Sartre sobre a *Contorno* é a defesa do engajamento político do intelectual. Engajamento não necessariamente em termos partidários e ideológicos, como demonstram as críticas ao marxismo ortodoxo, mas no sentido de um envolvimento com a realidade circundante com o intuito de transformá-la de modo progressista, revolucionário. Nesse sentido, a Literatura seria um instrumento privilegiado de conscientização, esclarecimento. Esse engajamento aparece claramente no primeiro número da *Contorno* nas palavras de Ismael Viñas, assim como o rompimento com a geração intelectual de Victoria Ocampo e dos principais colaboradores da *Sur*:

Quando empezamos a enterarnos del mundo a que pertenecíamos, nos encontramos con una constelación de nombres que parecían ocupar cumplidamente su tierra y su cielo: nuestros héroes, nuestros poetas, nuestros políticos, nuestros profesores, nuestros filósofos, nuestros maestros. Fuimos aprendiendo puntualmente que pocos de entre ellos poseían algo detrás de sus fachadas. No era el común rechazo juvenil por los antepasados. Era que, debajo de sus renunciamientos con aires beatíficos, se ocultaba la ineptitud o la cobardía (VIÑAS, 1953, p. 2).

Dentre os nomes destacados por Ismael Viñas está Jorge Luis Borges, um dos principais colaboradores da *Sur* que, naqueles anos, estava se tornando conhecido internacionalmente. Traduzida ao francês por Roger Caillois (1913-1978), a Literatura fantástica de Borges conquistava a Europa.⁶

⁵ David Viñas, premiado escritor e crítico literário, nasceu em Buenos Aires em 1929. Com a ditadura da década de setenta, se exilou nos Estados Unidos e na Europa, onde deu aulas de Literatura em diversas universidades. Seus dois filhos estão entre os trinta mil desaparecidos políticos. Com a abertura democrática, retornou ao país, onde é professor de Literatura Argentina da FFeL da UBA.

⁶ Caillois vive na Argentina durante a Segunda Guerra Mundial inteira (1939-1945) e, com o auxílio financeiro de Victoria Ocampo, organiza e dirige a revista *Lettres Françaises*, que defendia a causa dos Aliados perante a invasão da França pela Alemanha de Hitler. Sua tradução de Borges foi publicada originalmente pela *Gallimard*, uma das principais editoras francesas.

Em 1945, Borges defende a Literatura fantástica ao ser premiado pela Sociedade Argentina de Escritores (SADE) por *Ficciones*⁷, obra publicada no ano anterior pela editora *Sur*.⁸ *Hay quienes juzgan que la literatura fantástica es un género lateral; sé que es el más antiguo, sé que, bajo cualquier latitud, la cosmogonía y la mitología son anteriores a la novela de costumbres* (BORGES, 1945). Tal visão positiva não seria compartilhada com colaboradores da *Contorno*. Como lembra Juan José Sebreli, a *literatura fantástica que se había convertido en los años 40 y 50 en el género preferido de algunos miembros del grupo Sur (...) nos dejaba indiferentes a quienes éramos partidarios del realismo* (SEBRELI, 1997, p. 5).⁹ David Viñas também demonstra indiferença, mais exatamente em relação a Borges. *A mí Borges no me interesaba (...) Yo no lo leía demasiado* (VIÑAS, 1981, p. 12). Como se nota nas palavras de Ismael Viñas no primeiro número da *Contorno*, consideravam a antiga geração intelectual e sua Literatura fantástica como isoladas, isolamento com o qual se endeusariam, mas que na verdade revelaria sua incapacidade, covardia perante a realidade e seus problemas.

Victoria Ocampo é criticada inúmeras vezes como uma intelectual fechada ao diálogo com outros grupos sociais, intelectuais e políticos. Concordando com César Fernández Moreno, Jorge Cernadas coloca que *en los años finales del primer peronismo, (...) instituciones (...) como la revista Sur o el suplemento de La Nación*¹⁰ *cierran o por lo menos entornan sus puertas a las nuevas promociones de intelectuales*

⁷ Em 1942, Borges não foi premiado pela Comissão Nacional de Cultura, que preferiu uma estética nacionalista e realista e excluiu *El jardín de senderos que se bifurcan*. Em contrapartida, a SADE, que nucleava muitos colaboradores da *Sur*, cria o Grande Prêmio de Honra, dado a Borges, contra os oficiais, crescentemente nacionalistas. Vale lembrar que, em 1943, a Argentina sofreu um golpe de Estado liderado pelo Grupo de Oficiais Unidos (GOU), formado por militares nacionalistas simpatizantes do nazi-fascismo, dentre os quais estava o futuro presidente Juan Domingo Perón, eleito em 1946.

⁸ A editora é fundada em 1933 com o objetivo de difundir autores latino e norte-americanos e de traduzir outros ainda inéditos em castelhano. Financeiramente, a editora visava manter a revista. O modelo seguido por Victoria Ocampo foi o adotado pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset, diretor da *Revista de Occidente* e da editora de mesmo nome.

⁹ Juan José Sebreli nasceu em Buenos Aires, pouco após o golpe militar de 1930. Estudou na FFEL da UBA, mas se afastou gradualmente dos círculos acadêmicos. Há edições dos seus livros na Espanha, Itália e Alemanha. Escreveu *Eva Perón, ¿aventurera o militante?*, no qual chega a comparar Victoria Ocampo com Evita. Enquanto a primeira teria se preocupado somente com a opressão sofrida pelas mulheres, Eva Perón teria se preocupado com todas as formas de opressão. A contribuição de Victoria Ocampo para a afirmação das mulheres era desconsiderada pelo peronismo, que destacava a atuação de Evita e também pela esquerda, que considerava mais importante a emancipação do proletariado.

¹⁰ O suplemento do jornal liberal ao qual se refere Cernadas é o cultural, para o qual escreviam vários colaboradores da *Sur*, como destaque para Eduardo Mallea, que foi um dos principais diretores do suplemento.

(CERNADAS, p. 2). Visão que vem de longa data. Em 1967, Angela B. Dellepiane coloca que os jovens intelectuais queriam dizer coisas, tinham muito que dizer, *pero ¿donde publicar?* *Sur y La Nación eran (y todavía lo son, en parte), los bastiones olímpicos de “los padres”*. *La alternativa era o sucumbir a ellos o crear nuevos órganos de expresión* (DELLEPIANE, 1968, p. 244).

Apesar disso, um posicionamento muito parecido ao de Ismael Viñas no primeiro número da *Contorno* já aparece na *Sur* dois anos antes, no número 204, publicado em outubro de 1951. Em *Martínez Estrada: la lección a los desposeídos*, Héctor A. Murena coloca que três colaboradores da *Sur*, Ezequiel Martínez Estrada, Mallea e Borges, são profetas que, com suas obras inquietantes, revelaram a América aos americanos, sua pobreza, inclusive cultural. A respeito da importância do pensamento dos três, Murena escreve o seguinte:

(...) los americanos somos los parias del mundo, (...) somos los más miserables (...), somos unos *desposeídos*. Somos unos desposeídos porque lo hemos dejado *todo* cuando nos vinimos de Europa o de Asia, y lo dejamos *todo* porque dejamos la *historia* (MURENA, 1951, p. 6).

No entanto, Murena considera que a superação deles é uma necessidade. *Como hijos, debemos empezar por ver los defectos de nuestros padres. Y agreguemos que también nos sentimos más allá de la lección* (MURENA, 1951, p. 14). Talvez nesse trecho esteja a origem da expressão parricidas para designar os colaboradores da *Contorno*, usada pela primeira vez pelo crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal em *El juicio de los parricidas* (1956).

É verdade que Murena jamais escreveu para a *Contorno*, mas era um jovem intelectual conhecido no meio universitário e sua efêmera revista, *Las Ciento y Una*, influenciou a *Contorno*. Também é verdade que, politicamente, Murena está um tanto distante dos jovens de esquerda da *Contorno*. Nesse sentido, David Viñas coloca que, depois de *Las Ciento y Una*, Murena optou pelo outro lado, referindo-se aos liberais (VIÑAS, 1981, p. 10). Contudo, sua relação com os liberais como Victoria Ocampo e os principais colaboradores da *Sur* não é menos distante. Angela B. Dellepiane destaca Murena como um “enojado”, assim como os colaboradores da *Contorno*. Enojados, incomodados, inconformados com a situação argentina e latino-americana. Apesar das críticas, o próprio David Viñas reconhece que Murena *era el heterodoxo de Sur: él tenía*

una reflexión argentina en un espacio totalmente liberal y europeísta (VIÑAS, 1981, p. 11). Como a maioria dos colaboradores da *Contorno*, Murena centra sua crítica na questão do distanciamento dos intelectuais da realidade argentina e latino-americana. *El profeta marcha apoyándose en el cielo, (...) anda con inseguridad sobre su misma tierra y por eso no entiende del todo a lo que siempre lo han rodeado* (MURENA, 1951, p. 15). Murena aparece, assim, como uma espécie de arquétipo dos jovens intelectuais e da sua relação com Victoria Ocampo e os principais colaboradores da *Sur*. Se Martínez Estrada, Mallea e Borges têm o mérito de terem revelado a América aos americanos, já era momento, segundo Murena, de solucionar seus problemas, em um claro clamor pelo engajamento. *Tenemos que vivir, tenemos que superar la enfermedad* (MURENA, 1951, p. 18).

Dois anos antes, na seção *Los penúltimos días* do número 176 da *Sur*, publicado em junho de 1949, Murena já fala em um distanciamento de Borges da realidade, inclusive fisicamente, como se perceberia nas suas conferências.¹¹ Ao comentar uma sobre Henry James, Murena coloca que Borges está longe de ser um conferencista ideal, que mantém sem interrupções sua comunicação com o público:

La simpatía del público es evidente, pero él está separado en forma radical de la realidad, del público y de todo. Se ve que es un tormento para él hablar, intentar comunicarse. Me resulta un símbolo. El símbolo de una profunda experiencia de este mundo americano, el símbolo del intelectual cercado sin piedad por los elementos que aquí se mueven y haciendo esfuerzos enormes por dominarlos (MURENA, junho de 1949, p. 96).

Murena não foi o único da nova geração intelectual a colaborar com a *Sur*. O próprio David Viñas, irmão de Ismael e um dos encarregados da direção da *Contorno*, chegou a escrever para a *Sur*. Nessa condição, ainda se encontram Juan José Sebreli e o historiador Tulio Halperín Donghi.¹² Além disso, muito antes de *O que é a Literatura?*,

¹¹ Borges passa a fazer conferências após pedir demissão, em 1946, da biblioteca municipal Miguel Cané. Borges pede demissão ao saber da sua transferência para o cargo de inspetor de aves, coelhos e ovos das feiras portenhas. A transferência foi uma represália por ter apoiado os Aliados, as democracias liberais, na Segunda Guerra Mundial. O episódio indica a força dos setores pró-Eixo na Argentina, mesmo depois da derrota do nazi-fascismo na guerra.

¹² Tulio Halperín Donghi nasceu em Buenos Aires em 1926. Estudou História e Direito na UBA. Entre 1955 e 1966, foi professor da FFeL da UBA e da Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional do Litoral. Com o golpe militar de 1966, saiu do país e foi trabalhar em universidades norte-americanas.

Sartre já aparecia na *Sur*, como colaborador e como tema de discussões. Segundo John King, Sartre é publicado pela *Sur* antes mesmo de ser conhecido na França. *El aposento*, tradução do conto *La chambre*, aparece na *Sur* já em março-abril de 1939.¹³ Em outras palavras, não foi a *Contorno*, mas a *Sur*, a responsável pela divulgação inicial do pensamento de Sartre na Argentina, tanto a revista como a editora.¹⁴ A *Sur* somente assumiria uma postura rígida contra Sartre após algumas declarações nas quais daria a entender que apoiava as ações da União Soviética na Europa Oriental. Essas declarações também provocaram o rompimento de Albert Camus com Sartre.

Vale acrescentar que colaboradores da *Sur*, especialmente Borges, também foram publicados por *Temps Modernes*, a revista de Sartre que tanto influencia a *Contorno*. Sebrelí relata um episódio indicativo dos dilemas e da linha tênue que separa as duas gerações intelectuais. Conta que os sartreanos argentinos receberam com grande surpresa, em julho de 1955, o número de *Temps Modernes* com inúmeros ensaios de *Otras inquisiciones* de Borges. (...) *algunos sartreanos argentinos como Oscar Masotta y Carlos Correa comenzaron a sentirse atraídos por Borges leído en francés, aunque guardando el secreto para no provocar el desdén de sus amigos* (SEBRELI, 1999, p. 339).

No número 162 da *Sur*, publicado em abril de 1948, René Marill-Albérès elogia Sartre, destaca que a sua obra é marcada pela liberdade e pelo desejo de enfrentar a fealdade do mundo, e não de destruí-lo para transformá-lo, como desejariam os dialéticos. *Su moral aspira a reemplazar el fariseísmo por el compromiso, la obediencia a un modelo fijo por la empresa* (MARILL-ALBÉRÈS, abril de 1948, p. 94). No número 168, publicado em outubro de 1948, Marill-Albérès também resenha positivamente um livro sobre Sartre escrito por Vicente Fatone, outro colaborador da *Sur*. Ao contrário dos “teólogos do nada”, Sartre enfrentaria o mundo e seus problemas, armado com a devoção pela ação e pelo ativismo.

¹³ Outro texto importante de Sartre na *Sur* é publicado no número 124, de fevereiro de 1945, *París bajo la ocupación*, sobre a invasão e ocupação de Paris pelos nazistas. Logo depois, no número 127, de maio de 1945, Sartre publica *Sobre un libro de Francis Ponge: “A favor de las cosas”*. Além destes, no número 138, de abril de 1946, a *Sur* publica *Retrato del antisemita*, no qual Sartre condena o maniqueísmo que marcou a perseguição aos judeus. Para finalizar, nos números 147, 148 e 149, de janeiro, fevereiro e março de 1947, Sartre publica *El existencialismo es un humanismo*, que a editora *Sur* lançaria como livro no mesmo ano. Vale acrescentar que colaboradores da *Sur*, especialmente Borges, também são publicados por *Temps Modernes*, a revista de Sartre que tanto influencia a *Contorno*.

¹⁴ Além de *El existencialismo es un humanismo*, a editora *Sur* lança, em 1948, *Reflexiones sobre la cuestión judía*.

Evidentemente que essa abertura não acontece sem tensões entre as diferentes visões do intelectual e da Literatura. Na seção *Calendario* do número 166 da revista, publicado em agosto de 1948, Alfredo J. Weis enaltece o engajamento político do intelectual proposto por Sartre, que não se enquadraria no modelo comunista ortodoxo e autoritário. No entanto, sua crítica literária, ao se preocupar exageradamente com o contexto, reduziria a Literatura, pois *apunta menos a la obra que al escritor* (WEIS, 1948, p. 104).¹⁵

Outro exemplo dessa tensão acontece entre Murena e Carlos Mastronardi.¹⁶ No número 164-165, de junho-julho de 1948, Murena critica o grupo *Martín Fierro* ao qual pertenceu Borges.¹⁷ Murena destaca que o nacional proposto pelo grupo era forâneo, europeu, baseado nas suas correntes estéticas, o que teria resultado em uma Literatura artificial, presa ao passado, pitoresca, criadora do nacional e não criada por ele. *Queremos volver a ser pasado porque sólo allí nos sentimos ser, y en verdad nos estamos impidiendo ser, porque únicamente somos en el presente* (MURENA, junho-julho de 1948, p. 82). A defesa de um engajamento na realidade circundante é latente. Borges é tomado como o melhor exemplo do grupo. Segundo Murena, os primeiros trabalhos de Borges demonstram que era capaz de descrever alguns elementos do nacional, mas não de senti-lo.

Quatro números depois, o 169, publicado em novembro de 1948, Mastronardi responde a Murena afirmando que, ao desprezar o passado, se mostra favorável a uma “poesia de circunstância”. Essa é uma crítica comum de Victoria Ocampo e outros colaboradores da *Sur* à arte engajada, que seria efêmera e não teria uma dimensão universal. Mastronardi concorda que o grupo *Martín Fierro* e Borges em particular realmente tinham preocupações estéticas e metafísicas, mas considera que isto não teria lhes impedido de falar do e com o nacional. *No es forzoso ser homicida, autor de música típica o bailarín de la periferia para escribir con autoridad sobre el chulo rioplatense*

¹⁵ Nesse número, como em inúmeros outros, a seção não está assinada. A informação da autoria de Weis é dada por Oscar Hermes Villordo em *El grupo Sur: una biografía colectiva*.

¹⁶ Na juventude, Carlos Mastronardi (1901-1976) se dedicou ao desenho e à pintura e escrevia textos humorísticos em jornais da Província argentina de Entre Ríos. Quando se mudou para Buenos Aires, ainda jovem, passou a se destacar como crítico literário e tradutor. Também escreveu poesias. Foi um dos colaboradores da revista *Martín Fierro*, assim como Borges.

¹⁷ A revista *Martín Fierro* é lançada em 1924 com uma crítica contundente ao que consideravam convencional e vulgar nas artes. Com a revista, teve início a lendária polêmica entre os grupos que se tornariam conhecidos como Boedo e Florida: enquanto o primeiro defenderia uma arte engajada, o segundo, ao qual pertenceria a revista, seguiria a arte pela arte.

(MASTRONARDI, 1948, p. 55). Em suma, ao contrário do que defenderiam os colaboradores da *Contorno*, Mastronardi considera que não é preciso pertencer, se envolver direta e demasiadamente para sentir e escrever o nacional.

Uma outra polêmica entre o cosmopolitismo e o nacional ocorre entre Victoria Ocampo e, mais uma vez, Murena, nos números 175 e 176 da *Sur*, de maio e junho de 1949, respectivamente. A respeito do desejo de Victoria Ocampo, expresso na *Sur*, de publicar um livro sobre T. E. Lawrence¹⁸, Murena se pergunta no número 175 por que não escreveria sobre Sarmiento. *Nos ignoramos tanto a los argentinos, los americanos. Necesitamos con tanta urgencia directas palabras sobre nosotros mismos* (MURENA, maio de 1949, p. 65). No número seguinte, Victoria Ocampo coloca que a sugestão de escrever sobre Sarmiento é muito boa, mas que a recusa de Murena ao nome de Lawrence era um exemplo do nacionalismo sempre combatido pela *Sur*. Além disso, como Mastronardi, Victoria Ocampo defende que não existem regras para escrever e sentir o nacional. Em outras palavras, acredita que o cosmopolitismo e o nacional não são incompatíveis. *Poco importa para un argentino – por muy argentino que sea – que un T. E. o un Mahatmaji¹⁹ no sean argentinos. Entramos, con ellos, en un orden ecuménico* (OCAMPO, 1949, p. 99). No número 178, publicado em agosto de 1949, Murena continua a polêmica: argumenta que propôs Sarmiento em termos de pertinência, não de grandeza e coloca que Victoria Ocampo se irrita, pois veria a América como um continente ignorante e inculto. Frisa que não é nacionalista e alerta que o cosmopolitismo pode ser tão perigoso quanto o nacionalismo, pois também provocaria a ignorância da realidade:

(...) el decidido nacionalismo y el decidido internacionalismo son la cara y la nuca de un mismo animal: el avestruz, el animal que ante el peligro oculta la cabeza e ignora la realidad. El uno consiste en hundirse en la realidad, el otro en huir de ella: ambos coinciden en ignorarla (MURENA, agosto de 1949, p. 90).

Enfim, os exemplos demonstram como o rompimento entre as duas gerações intelectuais nasce e se desenvolve dentro da própria *Sur* e não na *Contorno*. A revista da

¹⁸ Militar e escritor britânico, T. E. Lawrence (1888-1935) se encantou pelo Oriente e, na Primeira Guerra Mundial (1914-1919), foi um dos líderes dos árabes contra os turcos.

¹⁹ Refere-se a Gandhi, um dos principais líderes da independência da Índia. Victoria Ocampo admirava sua política pacifista.

jovem intelectualidade de esquerda é muito mais consequência do que causa do seu rompimento com Victoria Ocampo e os principais colaboradores da *Sur*.

De qualquer maneira, o rompimento da jovem intelectualidade com Victoria Ocampo e a *Sur* se torna mais evidente e se radicaliza no número 7-8 da *Contorno*, publicado em julho de 1956, dedicado a uma revisão positiva do governo de Perón. O número é a base da historiografia que frisa a ruptura entre as publicações, porque contrastaria com o número 237 da *Sur* publicado no final de 1955 logo após a queda de Perón em setembro. Nesse número especial, sugestivamente intitulado *Por la reconstrucción nacional*, a *Sur* comemora o ocorrido, lamenta e critica o peronismo das massas e inicialmente apóia o golpe de Estado que derruba Perón, ainda que com reservas. O número 7-8 da *Contorno*, por sua vez, é lançado após o fuzilamento de militantes peronistas liderados pelo general Valle, que organizaram um levante contra o governo do general Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958), marcado pela desperonização da sociedade argentina²⁰. Com o título *Peronismo... ¿y lo otro?*, a *Contorno* antecipa a tentativa de se compreender o apoio das massas a Perón, o que, somado ao silêncio da *Sur* sobre o assassinato dos peronistas, teria rompido definitivamente as duas gerações intelectuais.

É interessante notar como Victoria Ocampo e a *Sur* são cobradas pelo silêncio, interpretado como apoio. Seguindo o raciocínio, por que a *Contorno* não se pronuncia, no número 5-6, de setembro de 1955, a respeito da intensa crise política que já atinge o governo de Perón? Por que não saiu em sua defesa? Por que a *Contorno* demora nove meses, depois do golpe de 1955, para destacar as medidas sociais e trabalhistas do peronismo? Três textos publicados na *Sur*, dois de Murena e o outro de Juan José Sebreli, que se tornaria colaborador da *Contorno*, demonstram como a jovem intelectualidade também era antiperonista.

No número 169 da *Sur*, de novembro de 1948, Murena faz uma paródia da Argentina peronista, comparando-a a uma violenta partida de futebol. Em *Fragmento de los anales secretos*, o futebol é uma força incontrolável que dominaria tudo e todos. Ao final

²⁰ Dentre as medidas desperonizadoras, destacam-se a expulsão dos peronistas de instituições como a universidade, a proibição de símbolos e hinos peronistas, a decretação da ilegalidade do peronismo, o fechamento da Fundação Eva Perón de assistência social. Vale acrescentar que, logo após o golpe de 1955, Perón partiu para um exílio de quase vinte anos pela América e Europa. Somente retornaria à Argentina em 1973.

da partida, essa força se manifesta com violência na torcida, que avança contra o juiz, que é enforcado pela multidão. Em uma leitura possível, o juiz representaria os intelectuais perseguidos pelo governo de Perón, o intelectual em confronto com as massas, acuado com seu avanço descontrolado. *El juez, detenido en el centro de la liza, los mira. (...) Entonces huye. Hacia cualquier parte, como un ciervo cogido en la trampa del bosque, despavorido, como un cristiano entre los leones* (MURENA, novembro de 1948, p. 50). Murena parece representar as massas como naturalmente irracionais, violentas, irrecuperáveis. *Y ellos huyeron hacia el laberinto de piedra para reanudar al otro día el trote circular, al parecer perpetuo, irredimible* (MURENA, novembro de 1948, p. 51). Para escrever o conto, Murena possivelmente se inspirou em *La cabeza de Goliath* (1940) de Martínez Estrada. *El pueblo de la metrópoli tiene sus pasiones hondas e irrefrenables. Una de ellas, la más típica y vehemente, toma el aspecto externo del fútbol* (MARTÍNEZ ESTRADA, p. 251).

O outro texto de Murena que indica o antiperonismo da jovem intelectualidade é publicado na seção *Los penúltimos días* do número 176, de junho de 1949. Murena comemora o sucesso de uma greve de trabalhadores dos frigoríficos, sucesso colocado como incomum nos “últimos meses”. A notícia parece ser um estímulo aos demais trabalhadores. O sucesso dependeria de organização e de esperar o momento certo para agir. A notícia, transcrita abaixo, contrastava com a tendência do governo de Perón em coibir as greves:

MAYO 13. Mientras se celebraban las negociaciones con Gran Bretaña para la venta de la carne, los obreros de los frigoríficos decretaron la huelga en demanda de mejores salarios. La huelga triunfó, y el aumento de los sueldos justificó la elevación de los precios exigidos por el gobierno a Gran Bretaña para la carne. Entre muchas, esta huelga fue la única que logró éxito en los últimos meses. Ello demuestra que cuando los sindicatos están bien disciplinados saben incluso cuando deben esforzarse hasta el máximo para vencer (MURENA, junho de 1949, p. 96).

Em *Celeste y colorado*, publicado no número 217-218 da *Sur*, de novembro-dezembro de 1952, Juan José Sebrelí lamenta que o atual momento político mantivesse a desunião nacional e parece comunicar a Perón que *todo el que quiere construir en el terreno de lo político y lo social debe empezar por aceptar a conciencia el escándalo y el fracaso de la dictadura y la violencia* (SEBRELI, 1952, p. 79).

Como aconteceu esse movimento? Por que jovens, com tendência de esquerda, ao lado dos liberais contra o peronismo, passaram a valorizá-lo após a queda de Perón? A aproximação da esquerda com os liberais na oposição ao peronismo foi uma situação herdada da Segunda Guerra Mundial, quando tanto a União Soviética como os Estados Unidos lutaram contra os países nazi-fascistas. Ora, Perón aparece no cenário político argentino identificado com os setores pró-Eixo, pertenceu ao alto escalão do Grupo de Oficiais Unidos, formado pelos militares antiliberais, autoritários e nacionalistas. Esses militares lideraram o golpe de Estado de 1943 e, no governo de Edelmiro Farrell (1944-1946), terceiro presidente a assumir após o golpe, Perón torna-se vice-presidente, Ministro da Guerra e Secretário do Trabalho, cargo com o qual conquista as massas populares ao implantar uma série de medidas trabalhistas e sociais, favorecido pelo vultoso acúmulo de divisas pela Argentina durante a guerra. Logo, na Argentina, ao contrário do que aconteceu na maioria dos países latino-americanos, a derrota do Eixo em 1945 não enfraquece seus simpatizantes com a mesma intensidade. Realmente, a ditadura cai em 1946, mas Perón é eleito presidente. Assim, o clima da Segunda Guerra Mundial permanece na Argentina, com liberais e a esquerda na oposição a um governo composto por nomes, a começar pelo presidente, que tinham manifestado simpatia pelo nazi-fascismo.

E o outro movimento? Da oposição para a revisão positiva do legado de Perón? Nesse ponto, Juan Carlos Marin, em uma entrevista a Alberto Noé, apresenta uma explicação plausível. O modelo econômico nacionalista de Perón começa a apresentar sinais de esgotamento no seu segundo mandato (1952-1955), principalmente pela reorganização da economia internacional após o impacto da guerra. Com isso, as greves retornaram e, segundo Marin, 60% dos trabalhadores urbanos chegaram a paralisar as atividades em 1954. A repressão foi muito violenta e os estudantes, perseguidos desde o começo do governo, passaram a entrar em contato com os trabalhadores, inclusive nas prisões. *Muchos obreros están en las cárceles del país, pero con un elemento original, junto con los obreros encarcelados, también están en la misma situación, los estudiantes, esto es muy interesante* (MARÍN, p. 7). Um dos aspectos mais valorizados por colaboradores da *Contorno* é, justamente, a politização dos trabalhadores que teria sido desencadeada pelo peronismo. Como coloca Terán, na universidade, sob intervenção

durante e depois do governo de Perón, os jovens intelectuais não encontravam espaço para *o deseo de una filosofía comprometida y eficaz en su relación con la política* (1993, p. 17). Emir Rodriguez Monegal, citado por Terán, destaca que esses jovens encontraram o caminho para revelar, pensar e transformar a realidade na Literatura. Ao contrário de Victoria Ocampo e dos principais colaboradores da *Sur*, recusavam a autonomia da Literatura, com qual a acreditavam conciliar a atividade intelectual e a ação política.

Retornando ao número da *Contorno* sobre o peronismo, existem indícios desse passado antiperonista dos colaboradores. Ainda no editorial, sem assinatura, logo, uma posição a princípio conjunta, reconhecem que não foram peronistas, mas afirmam que também não foram antiperonistas. Apresentam-se como peronistas de hoje, de modo que não compactuariam com Perón, já exilado. O ex-presidente continua sendo visto como autoritário, corrupto e demagogo, o que os colaboradores da *Contorno* mudam é a visão sobre os efeitos do seu governo, que teria desencadeado uma conscientização dos oprimidos. (...) *esto del peronismo, sí; esto del peronismo, no* (CONTORNO, 1956, p. 2), distinguem. Além da conscientização, destacam o avanço econômico e social das classes populares, o nacionalismo e a industrialização. Nesse sentido, no mesmo número, Leon Rozitchner coloca o peronismo como uma louca, mas necessária aventura²¹. De um modo parecido, Osiris Troiani considera o peronismo como nacional e popular, mas também como uma cegueira, uma peste totalitária. Ainda no mesmo número, essa revisão do peronismo faz com que Tulio Halperín Donghi não o coloque como uma forma de fascismo, uma cópia idêntica, mas como *una tentativa de reforma fascista de la vida política argentina* (HALPERÍN DONGHI, 1956, p. 15), em uma distinção incomum na *Sur*, que tendia a aproximá-los mais. De qualquer modo, ainda que em graus diferentes, a influência do fascismo, do totalitarismo de direita sobre o peronismo é destacada tanto pela *Sur* como pela *Contorno*. Assim, os jovens intelectuais não superam totalmente a associação do peronismo com o nazi-fascismo, frisada pela oposição para enfraquecer Perón politicamente e que marcou, sobretudo, a campanha eleitoral de 1946.

Também se nota na *Contorno* o sentimento de culpa manifestado por Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* no número 237. Naquela ocasião, a *Sur* afirma mais de

²¹ Argentino, Rozitchner nasceu em Chivilcoy. Doutora-se em Filosofia em Paris. Atualmente é professor de várias universidades, na Argentina e no exterior. Antes de colaborar com a *Contorno*, tinha participado da direção de *Verbum*.

uma vez que as massas somente apoiaram Perón e seu governo porque os intelectuais teriam, em alguma medida, falhado na sua tarefa de preservação da cultura e desenvolvimento espiritual da humanidade. Nesse ponto, se percebe a tentativa do intelectual se legitimar como único e, portanto, privilegiado portador de cultura e da verdade. Além disso, os intelectuais aparecem como guias das massas, conhecedores do melhor caminho para elas:

Últimamente Martínez Estrada me decía que habíamos sido casi todos cobardes (se refería, creo, a nosotros, los escritores), pues hubiéramos debido hacernos matar gritando la verdad. Es cierto; desde el punto de vista de héroes o de santos de la grandeza de un Gandhi, pocos de entre nosotros han llegado al límite de extremo coraje que se necesita, en tiempos de dictadura (...) (OCAMPO, 1955, p. 7).

Conforme mencionado, na *Contorno* não é substancialmente diferente. Se o peronismo apresenta traços fascistas, totalitários, de cegueira e loucura, de alguma maneira os intelectuais teriam falhado, pois não teriam impedido a consolidação destes traços no cenário político argentino. Isso aparece bem nos textos de Rozitchner e Troiani publicados no número 7-8, nos quais lamentam o distanciamento das massas. *Debíamos renunciar a toda conquista que no lo fuera también de nuestro pueblo* (TROIANI, 1956, p. 9), clama Troiani. *Entre el proletariado y nosotros hay un abismo* (ROZITCHNER, 1956, p. 4), lamenta Rozitchner. A culpa da *Contorno*, tipicamente sartriana, é o pretexto da sua aproximação das massas.

Em ambos os casos, o sentimento de culpa está profundamente relacionado a interesses políticos. No caso de Victoria Ocampo e da *Sur*, frisar sua oposição a Perón perante a política e as instituições antiperonistas que se seguiriam.²² Já no caso da *Contorno*, se aproximar das massas “disponíveis” após a queda e o exílio de Perón. Enquanto no primeiro caso predomina a defesa de se combater o peronismo através das instituições, desperonizando-as, no segundo destaca-se uma posição reformista a partir das massas, mostrando o que deveria ser mantido do legado de Perón e o que deveria ser

²² Borges, por exemplo, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, cargo que ocupou por mais de quinze anos. Antes desse convite, foi sugerido como embaixador da Argentina nos Estados Unidos, cargo recusado por Borges.

eliminado. De qualquer maneira, tanto em uma geração intelectual como na outra, a superação do peronismo tradicional aparece como uma necessidade.

Rozitchner coloca na *Contorno* que o proletariado tem uma consciência vaga e contida. Sem a experiência da liberdade burguesa, o proletariado estaria habituado à dependência, de maneira que não sairia imediatamente da sugestão paternalista do peronismo. Já que as massas não conheciam a liberdade, Rozitchner frisa que sua “irracionalidade” durante o governo de Perón era compreensível. No entanto, defende que essa irracionalidade deveria ser superada. Propõe uma aproximação dos intelectuais com as massas, para *formar también el hombre para poder solicitar de el algo más que la rendición, la sumisión* (ROZITCHNER, 1956, p. 8). De um modo semelhante, Troiani escreve que o povo argentino deveria cumprir sua tarefa histórica e aponta o caminho para isto na Literatura. *La literatura era vida o era una farsa* (TROIANI, 1956, p. 9). Ismael Viñas coloca que esse esclarecimento das massas deveria ser feito por intelectuais desapaixonados. Considerando-se que no editorial não se colocam como peronistas, nem como antiperonistas, esses intelectuais poderiam ser, obviamente, eles próprios.

Victoria Ocampo e a *Sur*, então, não poderiam participar do esclarecimento das massas pelo seu antiperonismo arraigado e porque não possuiriam a linguagem nacional e popular necessária. Seu cosmopolitismo não ajudaria na resolução dos problemas argentinos, pelo contrário, seria um sintoma da dependência, submissão do país. Nesse sentido, Oscar Masotta define o pensamento de Victoria Ocampo e da *Sur* como colonialista, imperialista.²³

No entanto, chama a atenção como a *Contorno* toma outros países como modelos de conscientização e despreza a politização apresentada pelas massas durante o governo de Perón. *¿Alguna vez un obrero con conciencia de clase, un obrero de Francia, por ejemplo, podía dejarse sugestionar?* (ROZITCHNER, 1956, p. 4), se pergunta Rozitchner. No mesmo sentido escreve Ismael Viñas:

En Francia, por ejemplo, Francisco I o Enrique IV son héroes nacionales. Pero nadie se engaña creyendo en ellos como en adalides de las ideas democráticas. En Estados Unidos, Washington es igualmente un héroe. Pero los intelectuales – la inteligencia – han señalado que sus

²³ Nascido em Buenos Aires em 1930, Masotta se destacou como um dos principais nomes da psicanálise na Argentina.

afanes coincidieron asombrosamente bien con sus intereses financieros
(VIÑAS, 1956, p. 13).

A respeito de uma das formas mais comuns de manifestação popular durante o peronismo, as paralisações e greves determinadas pelo próprio governo, Rozitchner considera que eram *más goce de la falta de esfuerzo que superación de la pasividad* (ROZITCHNER, 1956, p. 4). Masotta defende um ponto de vista semelhante. (...) *a aquel proletariado que quería vencer “saliendo a la calle” había que decirle que así no se vencía* (MASOTTA, 1956). Essa é uma característica da esquerda. Por mais nacional ou nacionalista que se coloque, as referências, os modelos da esquerda são sempre estrangeiros. Trata-se de uma ideologia originalmente européia que não encontra, na América, as mesmas condições de militância. A idéia de nacional, ou mesmo de nacionalismo, também é estrangeira e outros países ou povos também costumam ser considerados exemplos de nacionalismo ou de preservação do nacional. Com isso, nota-se a idealização da consciência política de outros países. Se por um lado o cosmopolitismo de Victoria Ocampo e da *Sur* levou, algumas vezes, à idealização da cultura européia, os jovens da *Contorno* idealizaram a politização apresentada por outras nações.

É claro que os colaboradores da *Sur* e da *Contorno* não têm projetos políticos idênticos para as massas. Nesse sentido, é importante lembrar de Nicos Poulantzas em *Observações sobre o totalitarismo*. Ao discorrer sobre a política européia durante o nazi-fascismo, Poulantzas conclui, de um modo geral, que discursos iguais, na boca de pessoas e grupos diferentes, não são discursos iguais. Na *Sur*, sob a influência do pensamento de Ortega y Gasset, predominava a defesa de uma integração das massas através da cultura, desde que fosse (re)construída a chamada meritocracia, ou seja, a sociedade deveria ser governada pelos melhores, pelos mais capazes. O nazi-fascismo e o peronismo eram considerados como uma inversão de valores por perseguirem os intelectuais e se colocarem como representantes das massas. Já na *Contorno*, a tendência era a superação da meritocracia através de uma conscientização política que gerasse uma autêntica justiça social. No entanto, pelo menos em um primeiro momento, a conscientização política e a justiça social não estariam ao alcance das massas, que deveriam ser ensinadas. Logo, as características, os rumos do processo não seriam definidos pelas massas, tampouco pelo modelo peronista, que deveria ser corrigido, mas sim pelos

“intelectuais desapaixonados” mencionados por Ismael Viñas. Como coloca Federico Neiburg, em *toda vanguardia de esquerda encontra-se a idéia de que ela é capaz de indicar ao proletariado o caminho de sua vitória, elaborando uma tática justa e, ao mesmo tempo, mostrando qual é o conteúdo verdadeiro dessa vitória e de seus interesses* (NEIBURG, 1997, p. 75). Dessa maneira, nota-se na *Contorno* uma tentativa de legitimação do intelectual que, apesar das diferenças, mantém em comum com Victoria Ocampo e os colaboradores da *Contorno* a eterna necessidade de educar, preparar as massas, representadas como desinformadas, ignorantes, para o mundo da cultura e da política. De um certo modo, o elitismo em relação às massas permanece.

Vale destacar que o nascimento de uma nova geração intelectual não foi, certamente, a intenção de Victoria Ocampo ao abrir espaço para os jovens intelectuais, a *Sur* não planejou a própria superação, que aconteceria a partir da década de sessenta. Pelo contrário, as discussões são tensas desde o começo e, principalmente depois do número 7-8 da *Contorno*, assumem um certo tom de ressentimento por parte de alguns colaboradores da *Sur*. Nesse sentido, ao comentar *Mundo, mi casa* (1965), livro de memórias da amiga e militante feminista – e comunista – María Rosa Oliver, Victoria Ocampo coloca que é *refrescante leer, en una época en que está de moda (en literatura) la indiferencia o cierto desprecio hacia los padres, este libro que no se avergüenza de proclamar lo contrario* (OCAMPO, 2000, p. 74).

É possível que a crescente marginalização de Victoria Ocampo e da *Sur* na cultura argentina – o contrário acontecia no exterior – tenha ocorrido em virtude de uma leitura muito literal do seu discurso apolítico, cultural e cosmopolita, assim como da Literatura fantástica que marca a produção de alguns dos seus principais colaboradores. Para essa leitura colaborou, bastante, o posicionamento rígido de Victoria Ocampo e da *Sur* em relação ao peronismo e, desta forma, a ruptura foi definitivamente privilegiada em detrimento dos pontos em comum entre as duas gerações intelectuais. Não que seja incorreto falar em uma nova geração intelectual, as diferenças políticas e literárias existem. No entanto, como destaca Neiburg, a ruptura deve ser olhada, também, como uma construção imprescindível na legitimação da *Contorno*. *O primeiro mecanismo de autopromoção utilizado por essa “nova geração literária” foi reconhecer esses autores como seus pais; o segundo, foi por em prática formas de distinção que lhes permitissem*

diferenciar-se deles (NEIBURG, 1997, p. 77). Ao se filiarem aos pais, garantem autoridade intelectual e, ao romperem com o antiperonismo deles, se redimem politicamente perante as massas.

O discurso apolítico, cultural e cosmopolita de Victoria Ocampo e da *Sur*, que se consolida durante o governo de Perón, não representa uma negação da política. Pelo contrário, aparece como um contraponto às pressões sofridas pelos intelectuais para a produção de uma arte e de um pensamento profundamente nacionalistas, como existiam, com as devidas diferenças, na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini e na Argentina de Perón. Em um momento marcado por autoritarismo e censura, a simples abertura da *Sur* para as discussões trazidas pelos jovens intelectuais, ou de qualquer outro tema, já representa uma atitude política, opositora, democrática.²⁴ Ainda que o termo peronismo, ou qualquer outro relacionado, praticamente não apareça na *Sur* antes do número 237, não há como ler as discussões e os inúmeros textos defensores da democracia, críticos às ditaduras ou insatisfeitos com a vida cultural argentina, sem considerar a presença de Perón na Casa Rosada. O alvo do cosmopolitismo de Victoria Ocampo e da *Sur*, por sua vez, nunca foi ignorar, negar o nacional, a Argentina, mas o nacionalismo autoritário e sectário. Passadas algumas décadas, os contatos de Victoria Ocampo com intelectuais estrangeiros parecem ter conseguido divulgar muito mais os autores argentinos e latino-americanos no exterior do que propriamente os europeus na América, como demonstram as traduções feitas por Caillois. Dessa maneira, a associação entre o pensamento de Victoria Ocampo e da *Sur* com o imperialismo, destacada por Masotta, não se sustenta.

Além disso, os jovens intelectuais praticamente não tocam no apoio dado por Victoria Ocampo e outros colaboradores da *Sur* aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, ao lado dos quais também estavam.²⁵ Tampouco tocam na perseguição sofrida por Borges, nem nas prisões da sua mãe Leonor e da sua irmã, a desenhista Norah Borges, durante o governo de Perón. A própria Victoria Ocampo foi presa em 1953. Outros

²⁴ A oposição tinha dificuldades para se manifestar. O governo tinha maioria no Legislativo e controlava a Corte Suprema de Justiça. A sindicalização em massa dos trabalhadores foi comandada pela Confederação Geral do Trabalho (CGT), aliada de Perón. Vários meios de comunicação foram tomados e fechados. Nas universidades, os opositores foram afastados ou se afastaram devido às pressões.

²⁵ Além do financiamento de *Lettres Françaises*, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* como Borges, Mallea e Adolfo Bioy Casares, dentre outros, formaram o grupo Ação Argentina, com o objetivo de defender os valores democráticos e denunciar a presença nazi-fascista no país.

colaboradores da *Sur* presos naqueles anos foram os filósofos Carlos A. Herro, Vicente Fatone e Francisco Romero. O discurso apolítico, cultural e cosmopolita tanto não representa uma negação da política, que não passou despercebido pelo governo de Perón, como demonstram as perseguições. Se o antiperonismo arraigado de Victoria Ocampo e da *Sur* se revelaria um erro que colaborou para a implantação de governos ainda mais autoritários do que o de Perón, defender seu governo, após tantas perseguições, era uma opção inimaginável para esses intelectuais.

Evidentemente que a complexa relação entre as revistas *Sur* e *Contorno* não se esgota neste artigo. Ao chamar a atenção para o nascimento do conflito entre as duas gerações intelectuais na *Sur* e não na *Contorno*, assim como para as semelhanças entre as duas publicações, pretendi discorrer sobre os riscos de uma leitura maniqueísta que existe em alguns textos sobre o meio intelectual do período. Em seu texto de abril de 1967, Angela B. Dellepiane chama a jovem intelectualidade de enjojada, o que leva a deduzir que os pais intelectuais seriam conformados ou até mesmo cúmplices perante os problemas da sociedade. Uma variante dessa definição pode ser encontrada mais recentemente em maio de 2001, no número 406 da revista *Todo es Historia*, no qual Oscar L. Arias Gonzalez intitula seu texto da seguinte maneira: *Contorno: la coherencia de los hombres honestos*. Espero, com este artigo, ter demonstrado alguns limites das boas intenções desses jovens e, principalmente, algumas intenções por detrás das suas boas intenções.

Bibliografia

- BORGES, Jorge Luis. Agradecimiento a la Sociedad Argentina de Escritores. *Sur*, Buenos Aires, nº 129, julho de 1945.
- CERNADAS, Jorge. Contorno en su Contorno. In: *Contorno*. Buenos Aires: CeDInCI. CD-ROM.
- CONTORNO. Peronismo... ¿y lo otro? Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 2.
- DELLEPIANE, Angela B. La novela argentina desde 1950 a 1965. *Revista Iberoamericana*, nº 66, julho-dezembro de 1968.
- GONZALEZ, Oscar L. Arias. *Contorno: la coherencia de los hombres honestos*. *Todo es Historia*, Buenos Aires, nº 406, maio de 2001.
- HALPERÍN DONGHI, Tulio. Del fascismo al peronismo. *Contorno*, nº 7-8, julho de 1956.
- KING, John. *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- MARILL-ALBÉRÈS, René. Autenticidad y libertad en Jean Paul-Sartre. *Sur*, Buenos Aires, nº 162, abril de 1948.
- MARILL-ALBÉRÈS, René. Vicente Fatone: *El existencialismo y la libertad criadora. Una crítica al existencialismo de Jean-Paul Sartre* (Argos, Buenos Aires, 1948). *Sur*, Buenos Aires, nº 168, outubro de 1948.

MARIN, Juan Carlos. Gino Germani y la Sociología en la Argentina. Entrevista disponível no site <www.antroposmoderno.com>. Acesso em: 21 out. 2004. Entrevista concedida a Alberto Noé.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *La cabeza de Goliath*: microscopía de Buenos Aires. Buenos Aires: Clarín.

MASOTTA, Oscar. “Sur” o el antiperonismo colonialista. *Contorno*, Buenos Aires, n° 7-8, julho de 1956.

MASTRONARDI, C. Sobre una poesía condenada. *Sur*, Buenos Aires, n° 169, novembro de 1948.

MURENA, Héctor A. Abril 17. *Sur*, Buenos Aires, n° 175, maio de 1949. Los penúltimos días.

MURENA, Héctor A. Condenación de una poesía. *Sur*, Buenos Aires, n° 164-165, junho-julho de 1948.

MURENA, Héctor A. Fragmento de los anales secretos. *Sur*, Buenos Aires, n° 169, novembro de 1948.

MURENA, Héctor A. Julio 15. *Sur*, Buenos Aires, n° 178, agosto de 1949. Los penúltimos días.

MURENA, Héctor A. Martínez Estrada: la lección a los desposeídos. *Sur*, Buenos Aires, n° 204, outubro de 1951.

MURENA, Héctor A. Mayo 13. *Sur*, Buenos Aires, n° 176, junho de 1949. Los penúltimos días.

MURENA, Héctor A. Mayo 17. *Sur*, Buenos Aires, n° 176, junho de 1949. Los penúltimos días.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*: estudos de antropologia social e cultural. São Paulo: Editora da USP, 1997.

OCAMPO, Victoria. Antepenúltimos días. *Sur*, Buenos Aires, n° 176, junho de 1949.

OCAMPO, Victoria. La hora de la verdad. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro-dezembro de 1955.

OCAMPO, Victoria. Recuerdos sobre recuerdos. *Testimonios*: series sexta a décima. Selección, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

POULANTZAS, Nicos. Observações sobre o totalitarismo. In: RODRIGUES, A. E. M. (Org.). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

ROZITCHNER, Leon. Experiencia proletaria y experiencia burguesa. *Contorno*, Buenos Aires, n° 7-8, julho de 1956.

SARLO, Beatriz. Los dos ojos de *Contorno*. *Revista Iberoamericana*.

SEBRELI, Juan José. Borges: el nihilismo débil. In: LAFFORGUE, Martín Ernesto (Org.). *Antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999.

SEBRELI, Juan José. Borges: nihilismo y literatura. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madri, n° 565-566, julho-agosto de 1997.

SEBRELI, Juan José. Celeste y colorado. *Sur*, Buenos Aires, n° 217-218, novembro-dezembro de 1952.

TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas*: la formación de la nueva izquierda intelectual argentina (1956-1966). Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1993.

TROIANI, Osiris. Examen de conciencia. *Contorno*, Buenos Aires, n° 7-8, julho de 1956.

VILLORDO, Oscar Hermes. *El grupo Sur*: una biografía colectiva. Buenos Aires: Planeta, 1993.

VIÑAS, David. Nosotros y ellos. David Viñas habla sobre Contorno. *Punto de Vista*, Buenos Aires, n° 13, setembro de 1981. Entrevista concedida a Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo.

VIÑAS, Ismael. La traición de los hombres honestos. *Contorno*, Buenos Aires, n° 1, novembro de 1953.

VIÑAS, Ismael. Miedos, complejos y malos entendidos. *Contorno*, Buenos Aires, n° 7-8, julho de 1956.